

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
7 de Outubro de 2021  
UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA

**PLES V DEŽJU / 1961**  
**“Dança à Chuva”**

*Um filme de Bostjan Hladnik*

*Argumento:* Bostjan Hladnik, baseado no romance “Dias Negros e um Dia Branco” (1958), de Dominik Smole / *Imagem* (35 mm, preto & branco, formato 1x66): Jamez Kalinsk / *Cenários:* Niko Matul / *Figurinos:* Nada Souvan / *Música:* Bojan Adamic / *Montagem:* Klea Harisijades / *Som:* Herman Kokove (gravação) / *Interpretação:* Dusa Pockaj (*Marusa*), Miha Baloh (*Peter*), Rado Nakrst (*Anton*), Ali Raner (*Sepetalec*, o “ponto”), Jora Zupan (*Magda*), Arnold Tovornik (*Voznik*), Janes Jerman (*o diretor do teatro*), Janez Albrecht (*Nataker*) e outros.

*Produção:* Triglav Film (Liubliana) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica português / *Duração:* 98 minutos / *Estreia mundial:* 27 de Maio de 1961 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Bostjan Hladnik (1929-2006) é considerado uma das mais importantes figuras da sua geração no âmbito do cinema jugoslavo em geral e esloveno em particular. Cinéfilo fervoroso, quando tinha dezoito anos comprou um projetor de 35 mm ao dono cinema de Liubliana do qual era o frequentador mais assíduo e neste mesmo ano realizou o seu primeiro filme, em 8 mm, premiado num festival de cinema amador. Em 1949 entrou para a Academia de Artes, na qual, ao que parece, o estudo de cinema limitava-se a aulas de teoria e história, sem nenhum aspecto prático e os alunos de cinema estudavam sobretudo teatro. Entre 1957 e 1960, Hladnik viveu em Paris, onde estudou no IDHEC e fez estágios de aprendizagem em filmes de Claude Chabrol, Philippe de Broca e Robert Siodmak. Neste seu período parisiense, teve a oportunidade de usufruir da extraordinária oferta cinematográfica da cidade, em que se destacava a programação da Cinemateca Francesa então nos seus anos de ouro (e onde o filme que vamos ver foi apresentado em 1962, menos de um ano depois da sua estreia mundial) e conseguiu que a sua curta-metragem **Fantasticna Balada** (1957) se estreasse comercialmente como complemento de **Time Without Pity**, de Joseph Losey, em Junho de 1960, no célebre cinema Mac-Mahon. Nestes seus anos parisienses, Hladnik pôde acompanhar um novo cinema que nascia, através de obras tão diferentes como as Nouvelle Vague, Resnais e Antonioni. **Ples V Dežju**, o seu filme de estreia, marcou época no seu país de origem e passa por ter sido um dos primeiros filme a ter trazido novas tendências formais para o cinema do que então era a Jugoslávia. É considerado um clássico do cinema da ex-Jugoslávia e da Eslovénia. Depois de mais de vinte filmes, incluindo alguns documentários de curta-metragem, a carreira de Hladnik como realizador chegou ao fim em 1988, três anos antes da implosão da Jugoslávia.

**Ples V Dežju** é “centrado sobre a crise e as incertezas do indivíduo, neste caso numa sociedade socialista”, para citarmos as palavras de Leonardo Autera em *Bianco e Nero*. Para sermos mais exatos, há dois indivíduos em crise, um homem e uma mulher, Marusa e Peter, um par de amantes de meia-idade, cuja ligação deixou de fazer sentido para o homem, o que terá consequências nefastas para a mulher. Na verdade, é ela o personagem central, à volta da qual giram dois outros homens que a desejam, quando para Peter ela já pertence ao passado: um homem um tanto misterioso, um desses personagens enigmáticos das narrativas não realistas, e um jovem que exerce a função de ponto no teatro onde a mulher é atriz, ou seja, a de alguém que a auxilia nas suas funções profissionais. Temos assim à volta de mulher, um homem que está farto dela,

outro que a ama secretamente e um terceiro que se declara abertamente. São estes quatro personagens que fazem a *dança à chuva* que dá título ao filme. Extremamente ambicioso, marcado pela vontade de pôr no cinema coisas que talvez façam mais parte do domínio da literatura (é baseado num romance então muito recente), como a interiorização dos sentimentos, misturando a prosaica realidade presente a lembranças e a sonhos do par de protagonistas, **Ples V Dežju** é um filme repleto de vontade de estilo e que nada tem de derivativo em relação a algumas das principais tendências que renovavam o cinema em 1961: um Resnais (então um quase especialista da mistura entre realidade e imaginação por parte dos personagens) um Antonioni (realizador por excelência das incertezas do indivíduo) ou a Nouvelle Vague, que fez com que o cinema saísse do estúdio e descesse para a rua (numa das raras passagens filmadas numa rua, uma multidão de passantes olha ostensivamente para o ator e para a equipa de rodagem). A vontade de estilo leva por vezes o realizador a ser um pouco amaneirado, como no primeiro encontro entre Peter e o misterioso vizinho, em que bruscamente a câmara muda de posição e passa para uma *plongé* quase absoluta. Também a presença recorrente, como uma pontuação, de um jovem par de namorados, sobre o qual o filme chega ao fim, tem algo de um pouco forçado. Muito mais convincentes, sem dúvida por serem breves, são os dois sonhos ou devaneios de Peter quando sai de casa à noite e vê-se a seguir um funeral no qual há vários caixões ou a sua tentativa de entrar pela janela de uma mulher da qual só vê a silhueta.

Do ponto de vista da *mise en scène*, alguns dos melhores momentos são baseados no tema visual recorrente da chuva e na utilização, talvez não muito original mas muito conseguida, da banda sonora, especialmente em duas passagens: num encontro entre Marusa e Spetalec num parque, em que a imagem é permanentemente cortada pelo grasnar de corvos e na passagem em que ela tenta dormir e a banda sonora é invadida pelos latidos de cães, reforçando o clima de desconforto. Outra passagem muito bem pensada e realizada é o momento em que Marusa é despedida do teatro onde trabalha e quando reage verbalmente à notícia a câmara põe-se bruscamente na plateia enquanto ela e o diretor do teatro estão no palco, o que faz com que a discussão se transforme numa cena de teatro, à qual faltam no entanto o ponto e o público. E sobretudo o desenlace, a descoberta da morte de Marusa, em que Hladnik está totalmente à altura das suas ambições de unir o visível e o oculto, o que é direto e o que é oblíquo: cada um por sua vez, Spetalec e Peter falam sem que vejamos a mulher e sem que eles próprios se apercebam de imediato que ela está morta, que a dança à chuva chegou ao fim. No conjunto do filme, tudo talvez seja demasiado calculado para que o espectador se abandone, mas quando isto acontece o efeito produzido é forte.

Antonio Rodrigues